

REVISTA ADVENTISTA

JANEIRO DE 1966

O Cosmonauta Orbital

Que é a Verdade?

Homens da «Segunda Milha» ao
serviço dos Colportores

A Liberdade Religiosa

ANO XXVII N.º 232

RAIOS DE LUZ NAS TREVAS DO MUNDO

A GORA, que estamos a transpor o limiar do Ano Novo, o velho, o ano velho, leva consigo para o passado — mas não para o esquecimento — a sua messe de alegrias, de êxitos e de aquisições positivas, como também de inquietações, de decepções e de malogros.

Durante este ano, agora findo, os nossos pensamentos, as nossas palavras e os nossos actos foram consignados, dia após dia, com extrema minúcia, nos registos do Céu. Corresponderão, porventura, todas essas anotações a factos acordes com a vontade de Deus? . . . Pertence a cada um de nós interrogarmo-nos a este respeito e pôrmo-nos de acordo com o Senhor, confessando os nossos pecados, arrependendo-nos e caminhando em novidade de vida.

Quanto ao ano que acaba de despontar, convidá-nos, desde já — e de uma maneira mais clara e mais premente, ainda, que todas as precedentes — a proclamarmos com toda a ousadia a última mensagem da graça divina. Tem, igualmente, de reserva para nós um tesouro de possibilidades e de privilégios inexplorados. De harmonia com a exortação do apóstolo Paulo aos Filipenses (3:14) saibamos, pois, marchar em frente e «prosseguir para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus».

«Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos». A que época senão à nossa, poderiam aplicar-se com a maior exactidão estas palavras do profeta Isaías? (60:2) O nosso pobre mundo privado de Deus parece que está, cada vez mais, desamparado. Uma agitação, sempre crescente, vai-se apoderando das nações. Em diversos pontos do globo, vêem-se multiplicar guerras mortíferas que não poupam nem velhos nem as mães sem defesa, nem as crianças inocentes. Quotidianamente, as revoltas, o terrorismo,

o ódio racial e o nacionalismo exaltado fazem inúmeras vítimas. O homem moderno é cada vez mais presa fácil de neuroses, de psicoses, de depressões e de conflitos de ordem psíquica. Os estabelecimentos destinados aos doentes mentais regorgitam de doentes e já recusam novas entradas! O medo de uma destruição maciça da humanidade, o medo do cancro, o medo de envelhecer, o de viver e o de morrer oprimem o coração e a alma dos nossos contemporâneos e mergulham muitos deles no desespero, quando não os impelem mesmo para o suicídio. A despeito dos imensos progressos realizados nos domínios mais variados; apesar do nível de vida elevado atingido por muitos povos, a verdade é que a nossa época desemboca em sombrias perspectivas. Uma noite profunda envolve tenebrosamente a nossa terra — e, contudo, vivemos a hora mais grave, mais solene da história do mundo. Os sinais precursores da Segunda Vinda de Jesus aparecem uns a seguir aos outros, anunciando, com uma clareza, cada vez mais viva, que este acontecimento de alcance universal não pode tardar.

Durante a terceira e a última Sessão do II Concílio do Vaticano, e por ocasião da visita do Papa Paulo VI a Nova Iorque, onde pronunciou, perante os delegados das Nações Unidas o seu histórico discurso pela paz, o mundo inteiro foi convidado a dirigir os olhares para Roma. A cura da besta atingida por ferida mortal, predita no Apocalipse 13:3 realiza-se realmente, aos nossos olhos: a humanidade está como que tomada de admiração perante a potência, cuja influência sobre os desenvolvimentos históricos mundiais se revela preponderante. Isto deve ajudar-nos a compreender que, longe de constituir um absurdo confuso das manifestações do arbitrio humano, os

SUMÁRIO

Raios de luz nas Trevas do Mundo

Página Editorial

O Cosmonauta Orbital John
Glenn em Lisboa

Que é a Verdade?

«Eu o destruirei . . .»

O Poder da Escolha

Homens da «Segunda Milha» ao
serviço dos Colportores

A Liberdade Religiosa

Conselho Nacional das Igrejas

«Um é o que semeia e outro o que
ceifa»

O Auxiliar da Escola Sabatina

JANEIRO DE 1966

ANO XXVII N.º 232

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,

J. M. MATOS, M. MIGUEL,

O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

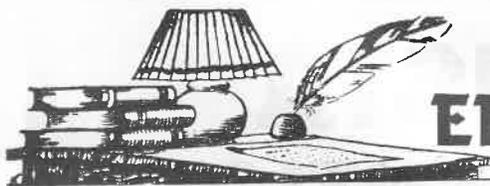
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA

Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

Antes de mais, quero apresentar-vos as minhas saudações cristãs, no limiar do Novo Ano, com os votos de que o nome e o amor de Jesus se possa espalhar, largamente, por toda a parte.

E, agora, como de costume, aqui vos apresento algumas notícias:

Esforço de Evangelização

Prossegue nas nossas igrejas o denominado *Esforço de Evangelização*, o primeiro dos grandes contactos, em cada novo ano, da Mensagem, com novas almas.

É uma oportunidade que o Senhor nos concede para trabalharmos, desde já, na finalização da Obra. Há trabalho para todos: desde o prêgador até aos que forem distribuir a literatura de convites, folhetos, inscrições para a Escola Bíblica Postal, Mensagem pelo telefone, etc.

Todos, pois, ao trabalho, prezados Irmãos de modo que bem se possa dizer de nós que constituímos uma Igreja ao trabalho

As nossas devoções

Assim como não podemos deixar de alimentar o nosso corpo, também não podemos sob pena de estiolarmos a vida espiritual — deixar de alimentar a nossa alma.

Ora o alimento da alma é a Palavra de Deus.

Não basta, prezados Irmãos, ouvirmos a Palavra de Deus, nos cultos de Sábado, nem mesmo nas outras reuniões, durante a semana. Temos nós mesmos de estudar a Palavra de Deus, temos nós mesmos de orar, na nossa casa, várias vezes ao dia.

Temos à nossa disposição o estudo das Lições da Escola Sabatina. Cada membro tem, por força do seu nome de Adventista, de ser um membro da Escola Sabatina.

Uma brochura que há tempos apareceu em França, escrita por um frade franciscano reconhecia na Escola Sabatina uma poderosa arma ao serviço dos Adventistas.

Não podemos desperdiçar este tão valioso meio que o Senhor põe à nossa disposição.

Não podemos, também, de deixar de insistir na necessidade de seguirmos a Devoção Matinal. Temos o lindo opúsculo que pode ser completado com a edição brasileira das Meditações diárias.

Também tenho de recomendar o Ano Bíblico: a leitura, todos os dias, de uma parte da Bíblia. Os últimos Concursos Bíblicos Internacionais, efectuados em Jerusalém, sob a presidência do próprio Chefe de Estado de Israel, foram ganhos por Irmãos nossos Adventistas, bons estudantes da Escola Sabatina.

A REVISTA ADVENTISTA

Em todos os lares adventistas devia encontrar-se a REVISTA ADVENTISTA, a nossa publicação oficial. Neste tempo, em que abundam as publicações de todas as espécies, e que os adeptos das organizações respectivas assinam, não faz sentido que os Adventistas não tenham a sua Revista oficial.

Que diríamos, se Jesus se apresentasse em nossa casa e pedisse a REVISTA ADVENTISTA, depois de ter visto jornais e revistas em cima da mesa?

A todos os nossos queridos Irmãos e Irmãs, Obreiros e Leigos, aqui deixamos a expressão dos nossos votos sinceros de que o Senhor nosso Deus nos conceda, neste Novo Ano, as melhores vitórias espirituais e as suas mais preciosas e escolhidas bênçãos.

A. Casaca

O Cosmonauta Orbital

John Glenn, em Lisboa

A. CASACA

No passado mês de Outubro, o famoso cosmonauta orbital John Glenn esteve em Lisboa, especialmente convidado pelo Centro de Astronáutica dos Serviços da Mocidade Portuguesa.

Embora tivesse realizado uma visita relâmpago a verdade é que levou de Portugal as melhores impressões, dada a maneira cativante e entusiástica como foi recebido.

Num dos números do seu carregado programa incluiu-se a visita a um dos liceus de Lisboa, onde dialogou com a juventude académica da capital.

O vasto ginásio do liceu encheu-se literalmente para aclamar, para ver e tocar no ídolo da juventude.

Sempre acompanhado da Esposa, o cosmonauta apresentou-se com a impressionante simplicidade dos heróis. Viu-se rodeado de uma incontável multidão de jovens que o aclamaram e aplaudiram com o maior entusiasmo.

É conveniente recordar o que foi aquele seu famoso voo orbital.

Foi ele o primeiro americano a realizar um voo orbital completando três órbitas da Terra, a 20 de Fevereiro de 1962. A nave espacial de Glenn, «Friendship 7» atingiu altitude máxima de 260 quilómetros, num voo de duração de 4 horas, 55 minutos e 23 segundos.

Glenn referindo-se ao seu voo orbital disse:

«Em primeiro lugar, foi um dia maravilhoso. Não sei o que diríeis, depois de ver quatro crepúsculos num só dia. Observei três crepúsculos, enquanto estava em órbita e um, quando já estava na superfície terrestre, depois que regresssei a bordo da unidade naval.»

A ausência da gravidade

«A questão da gravidade era uma das coisas que mais nos preocuparam na fase inicial do programa: saber que efeito produziria a ausência de gravidade. A este respeito não havia nenhuma experiência anterior. Algo aprendemos sobre a

falta de peso, naturalmente, durante o lançamento de foguetes. Pois tenho muita satisfação em anunciar que a gravidade zero não produziu em mim nenhum efeito negativo. Na realidade, o efeito foi até agradável.

Sob a gravidade, uma das coisas interessantes é a forma com que o ser humano se adapta a uma situação determinada. Foi o que aconteceu com a minha máquina fotográfica, que se mantinha no ar, quando eu a largava. E habituei-me a tirar assim, algumas fotografias. Nesta situação criada pela gravidade zero é, porém, fácil perderem-se objectos, vê-los afastar-se flutuando no espaço e irem para mais adiante, fora daquilo a que estamos habituados.

Velocidade

Várias vezes fui interrogado acerca das sensações causadas pela velocidade. A velocidade é relativa. Se alguém não tem com que fazer comparações, pode viajar a qualquer velocidade sem ter a sensação disso. É muito difícil descrever a sensação da velocidade, quando não temos uma base para referência.

Pôr do Sol

Os crepúsculos, provavelmente, são o que mais impressiona num voo orbital. Têm um matiz muito brilhante e as cores estendem-se até muito longe do astro, na direcção do horizonte. Este mantém-se iluminado, segundo pude calcular, de quatro a cinco minutos depois de o Sol se ter posto, o que muito me surpreendeu, pois imaginava que a noite chegasse com a maior rapidez, do que pude observar.

Pensei que a escuridão chegasse um minuto depois de ter desaparecido o Sol; mas, há ao que parece, uma luz permanente dando voltas em torno da atmosfera, o que torna visível o horizonte, durante uns cinco minutos.

Isto tornava um verdadeiro espectáculo, cada crepúsculo, como se

pode imaginar. No primeiro nascer do Sol, ainda me encontrava de costas na direcção de onde o astro vinha, a uma altura orbital normal; justamente, quando os primeiros raios de Sol deram sobre a cápsula espacial, olhava eu para baixo, dentro do veículo, para comprovar alguns instrumentos ou fazer algo e, quando olhei para trás, a minha primeira reacção foi a de que estava vendo um campo cheio de estrelas, porque o veículo havia subido mais, provavelmente, enquanto não olhava pela janela. Mas não era nada disto. Uma série de pequenas partículas, que a princípio pensei serem estrelas eram, na realidade, partículas de uma brilhante cor verde-amarelo, do tamanho e intensidade de um vagalume, voando numa noite bem escura. Estas pequenas partículas achavam-se fora do veículo, a uns dois ou três metros de distância e havia, literalmente, milhares delas. Podia vê-las, em todo o espaço para onde podia dirigir a vista de ambos os lados. Também as podia ver numa esteira, ao longo da minha trajectória.

Problemas

Durante o voo tive alguns problemas. O sistema automático de estabilização e controle deu-me algum trabalho. Parecia que não se corrigia de forma devida. Empreguei o controle manual durante este período e não tive, ao que parece, nenhuma dificuldade. Como se sabe, as estações telemétricas captaram um sinal indicativo de que possivelmente se havia desprendido o escudo contra o calor. Por essa razão, julguei aconselhável deixar o aparelho de retropropulsão no seu lugar, durante o regresso à atmosfera, de maneira que se queimasse no instante em que nos achássemos num campo aerodinâmico suficientemente forte para impedir que se desprendesse o escudo contra o calor se, de facto, estivesse solto.

Foi esta a causa de um regresso à atmosfera sumamente espectacular, visto da cápsula, porque, ao

entrar na primeira fase de regresso, com o seu intenso calor, romperam-se as amarras do sistema de retro-propulsão e senti um golpe contra a cápsula, julgando que o mesmo se houvesse desprendido, como deveria ser. Mas tal não acontecera.

Regresso à atmosfera

Durante a reentrada, os graus da força de gravidade chegaram a 8 aproximadamente. O pára-quadras funcionou, de maneira completamente normal e essa foi a coisa mais bonita que vi na minha vida: olhar pela escotilha e ver o pára-quadras: o pára-quadras aberto é a mais bela coisa que se pode ver... O veículo, depois da reentrada, achava-se bastante quente; posso dizer que estava muito quente e que o calor aumentava no interior. Eu suava profundamente quando desci e, ao pousar no mar, fiquei no interior da cápsula o mais quieto possível, para acrescentar o mínimo de calor ao que já fazia.»

A nossa «Viagem Espacial»

Todos os dias os jornais noticiam os esforços do homem em chegar a outros planetas. A «Operação Lua» está, precisamente, associada aos planos de se chegar aos outros planetas. Neste momento, em que escrevo estas linhas, uma outra nave está a caminho de Vénus, prevenindo-se que a sua viagem dure uns três meses e meio.

Todos estes esforços representam a tentativa gigantesca de o homem se despojar de si mesmo para se despojar de Deus. Diz a nossa Irmã White: «Vivemos rodeados de uma atmosfera de satânico encantamento».

Todos estes esforços são reflexo da acção de Satanás que procura desviar as mentes humanas dessa grande viagem interplanetária que o Senhor Jesus nos está preparando. É sempre o processo satânico: distraír a atenção do homem para tudo quanto é meramente material, humano, para que esqueça a verdade da realidade.

Pela fé sabemos:

1.º — Está prometido aos remidos que um dia serão trasladados da Terra para o Paraíso de Deus. Esta promessa terá o seu cumprimento, quando o Senhor Jesus voltar na

glória dos seus anjos. Temos a sua promessa: «Virei outra vez e vos levarei...»

Ninguém, portanto, irá antes por esses espaços fora. Ir antes, e além disso, por meios mecânicos equivale a dispensar a promessa de Jesus.

2.º — Será uma ascensão conjunta dos justos. Os vivos serão transformados e os mortos ressuscitados.

Temos, portanto, prometida pelo nosso Salvador, uma maravilhosa viagem interplanetária, dirigida por Jesus, que há-de vir para levar os salvos para a Nova Pátria, para além dos planetas e dos sóis, sem conta, até à glória, até ao Paraíso de Deus.

Não iremos enclausurados em cápsulas com problemas de gravidades e de propulsões, nem com calor nem frio, nem com crepúsculos.

Todos esses foguetes interplanetários na realidade estão lançando uma grande cortina de fumo que Satanás manobra hábilmente para tirar aos homens o conhecimento da grande viagem interplanetária preparada e dirigida por Jesus e

que se efectuará quando o nosso Divino Salvador regressar nas nuvens do céu.

Acabou-se de comemorar o Natal. Pouco ou nada significa, já para nós, esta comemoração. Mas convém recordar o acontecimento, porquanto foi ele que possibilitou a nossa eterna salvação.

Mas o grande Natal, o que nos interessa sobremaneira, é o que diz respeito ao Segundo Advento de Jesus.

Sabemos como o inimigo tem procurado desviar o pensamento do Mundo Cristão do Segundo Advento, concentrando as atenções na comemoração do Primeiro Advento.

É sempre o mesmo estratagemas de Satanás: desviar o nosso pensamento da grande verdade que é a Bem-Aventurada Esperança.

Fixemos, cada vez mais, a nossa mente com toda a nossa fé e com toda a nossa esperança no Segundo Advento, na Volta gloriosa de Jesus, para então tomarmos parte com Ele e com todos os salvos, na maravilhosa viagem interplanetária, rumo ao Lar Celestial.

Calendário Adventista

JANEIRO

- 1 — Dia Missionário e Oferta;
- 15-22 — Campanha da Liberdade Religiosa e Oferta;
- 29 — Educação Cristã e Oferta para as Escolas Primárias.

FEVEREIRO

- 5 — Dia Missionário e Oferta;
- 19 — Dia do Lar Cristão e Altar da Família;
- 19-26 — Semana do Lar Cristão;
- 26 — Dia da Educação e Oferta para as Escolas Primárias.

MARÇO

- 5 — Dia Missionário (Visita aos lares e Oferta de Um Milhão de Dólares);
- 12 — Dia da Escola Sabatina;
- 19 — Dia dos Missionários Voluntários;
- 19-26 — Semana dos Missionários Voluntários;
- 26 — Dia de Baptismos;
- 26 — 13.º Sábado.

RAIOS DE LUZ NAS TREVAS DO MUNDO

(Continuação da pág. 1)

acontecimentos actuais desenrolam-se, pelo contrário, no sentido previsto pelo plano divino relativo à história terrestre, plano que terá como apogeu definitivo o aparecimento glorioso do Salvador dos homens!

Como filhos de Deus, caminhemos, pois, com a alegria no coração, à luz da nossa mensagem, apesar das trevas da nossa época; e, assim, radiantes de esperança, iremos viver as mais belas horas que a Igreja Adventista há-de conhecer. Bem depressa, com efeito, se falará, em todo o mundo «dos que guardam os Mandamentos de Deus». A seguinte declaração, registada nas Selected Messages (Vol. 2, p. 386) não permite nenhuma dúvida a este respeito:

«O nosso povo é considerado como muito insignificante para que seja tido em consideração. Contudo, produzir-se-á uma mudança: as condições que presentemente prevalecem, serão alteradas. O mundo cristão toma disposições que não-de atrair a atenção geral sobre a Igreja que observa os Dez Mandamentos. Todos os dias, as verdades divinas são sufocadas sob o montão das teorias e das falsas doutrinas de origem humana. Não-de elaborar-se planos e aplicar-se medidas destinados a agrilhoar a consciência de todos os que desejam permanecer fiéis ao Eterno. Os poderes legislativos opor-se-ão aos filhos de Deus. Cada alma será posta à prova. Que nós possamos, pois, como povo, dar prova de sabedoria em tudo o que nos diz respeito, e possamos, também, pelo preceito e pelo exemplo, transmitir esta sabedoria aos nossos filhos!

Seremos passados pelo crivo por cada artigo da nossa profissão de fé. Se não nos empenharmos a fundo no estudo da Palavra de Deus; se não nos mostrarmos firmes, fortes e convencidos, a ciência dos grandes deste mundo subjugar-nos-á.»

As possibilidades de proclamar a Palavra de Verdade evocadas acima não nos serão oferecidas duas vezes. Os raios de luz que rasgarão, então, a obscuridade espiritual na qual será mergulhada a nossa pobre terra, brilharão com um fulgor não igualado.

Já é tempo de que no seio do nosso movimento, toda a boca confesse que Jesus é o Senhor e que vai voltar com milhares e milhares dos seus santos. Prezados Irmãos e Irmãs, a evangelização representa a vida da nossa Igreja, as palpitações do seu coração! por isso é que o nosso objectivo imediato deve ser: Evangelizar ainda mais! Ganhar cada vez mais almas!

«O combate que travamos é um combate agressivo: em breve conhecerá desfechos de alcance incalculável. Voltemo-nos para Deus, afim

de que ordene aos seus anjos que retenham os quatro ventos, com o receio de que exerçam devastações na terra, antes que a humanidade ouça retinir a última mensagem de advertência. E, em seguida, vamos actuar de conformidade com o conteúdo das nossas orações». (Testimonies, Vol. 6, p. 61).

A evangelização não é um artigo comercial, que apenas tem saídas em certas épocas do ano. Todos os dias de cada ano são bons para evangelizar. O apóstolo Paulo já tinha apreendido esta verdade, conformando-se-lhe, durante toda a sua vida. De resto, havia transmitido aos seus colaboradores essa sua mesma convicção, conforme lemos no conhecido passo da Segunda Epístola a Timóteo (4:1,2): «Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há-de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, que pagues a palavra instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina.»

No decorrer do ano que começa, possam os nossos Obreiros e os nossos Membros contribuir, numa maior medida, como nunca até agora, para a realização deste programa evangélico aprovado por Deus! Sim, prezados Irmãos e Irmãs, todos devemos passar à ofensiva e colocar os nossos talentos e as nossas aptidões ao serviço da causa da salvação das almas. Não pensemos, porém, que basta isto: temos, igualmente, necessidade de um novo baptismo do Espírito. Deve produzir-se nas nossas fileiras um despertar geral. Imploremos do Senhor que no-lo conceda, sem demora!

Pensando e meditando na próxima Vinda do Salvador quem há que não quer purificar-se de toda a mancha da carne e do espírito? Nada do que pertence ao homem carnal pode subsistir diante de Deus. Quando Jesus voltar que possa encontrar a sua Esposa revestida da pureza e da virtude que Ele próprio lhe ofereceu em traje de núpcias!

No limiar deste ano, que cada um de nós exclame em espírito: «Vem, bem depressa, Senhor Jesus!». Que a nossa nostalgia da pátria celeste, o nosso desejo de rever o Mestre bem-amado aumentem, cada dia! No meio das trevas espalhadas pela superfície da terra, possamos todos, nós, filhos de Deus — sem por isso perdermos jamais de vista os raios de luz que nos indicam o caminho a seguir — tomar, mais que nunca, a peito, a exortação, que Jesus nos dirige, para estarmos prontos, e esforçarmo-nos, por uma vida de santificação crescente, de modo a tornarmos-nos autênticas testemunhas da Verdade.

Que o Eterno nosso Deus nos abençoe a todos, abundantemente, neste Ano Novo!

M. Fridlin

Presidente da Divisão Sul-Europeia

Que é a Verdade?

WERNER VYHMEISTER

ESTÁ em plena actividade o julgamento mais discutido da História. O Acusado encontra-Se só, sem advogado defensor. Os acusadores clamam a gritos, exigindo Sua morte. O juiz, preocupado por manter o equilíbrio, bastante instável, aproxima-se do Acusado em busca de uma informação directa: «Logo Tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a Minha voz. Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade?» S. João 18:37 e 38.

Desde que existe sobre a Terra, tem o homem buscado a verdade. Não a verdade que parece ser assim hoje, e amanhã se mostra errônea, mas sim a verdade completa, permanente, que satisfaz o anelo humano de ter um ponto de referência estável que oriente seus pensamentos e acções.

A procura da verdade tem sido orientada em muitas direcções. Contudo, ela tem sido assaz intensa em três delas: FILOSOFIA, CIÊNCIA E RELIGIÃO. Detenhamo-nos ligeiramente para examinar o que cada um destes sectores do conhecimento humano pode declarar-nos acerca da verdade.

Filosofia e Verdade

Todo estudante da história da filosofia surpreende-se desde o primeiro instante com a grande variedade de sistemas filosóficos. Não podemos falar da filosofia. Há muitas. Etimologicamente, filosofia é «amor (amigo da) à sabedoria», e sabedoria é verdade. Porém, como o próprio vocábulo parece sugerir, muitos a pretendem e ninguém consegue torná-la plenamente sua.

A história da filosofia é a descrição da senda tortuosa e semi-obscura em que o homem tem avançado às apalpadelas em busca da verdade. É hoje, após 25 séculos de história no Ocidente, diante do extraordinário progresso das ciências, constitui motivo de preocupação para filósofos, pelo menos de uma corrente (neopositivistas), comprovar que a filosofia não conseguiu formular verdades concernentes às quais tenhamos a certeza das verdades científicas.

Há verdade na filosofia? Sim, mas é verdade incompleta. Somente assim se explica que o que um filósofo construiu afanosamente durante toda a vida, pode ser demolido — total ou parcialmente — por outro que estabelece seu próprio sistema. Parece não haver nada definitivamente estável, permanente, a que o homem desorientado possa apegar-se. Segundo diziam alguns filósofos neopositivistas, «A filosofia é um campo de disputa que se afigura interminável.»

E hoje, como manifestação de desorientação e rebeldia do homem diante dessa doutrina que pretendeu ser a essência do saber (e que até foi chamada a «ciência das ciências»), vemos proliferar diversos ramos duma filosofia que se rebela contra o raciocínio abstracto — que não tem conduzido a soluções permanentes na procura da verdade — e coloca no centro de suas especulações a mais instável das criaturas: o homem e sua existência.

Ciência e Verdade

O notável progresso da ciência nos últimos 150 anos tem deslumbrado a milhões que hoje em dia parecem crer que ela é a essência da verdade. O mundo acredita o

que afirmam os «homens de ciência.» Insiste-se em fazer as coisas com «critério científico.» Toda nova ramificação do conhecimento luta por conquistar o cobiçado título de «ciência.»

Entretanto, nesta paixão pelo científico, nem sempre se mantém clara distinção entre *teoria* científica e *verdade* científica.

Há teorias científicas que nunca foram comprovadas, as quais por força de repetição são aceitas como verdades incontestáveis. Um exemplo conhecido é a teoria da evolução. É de surpreender, neste plano, a ousadia com que pretensos homens de ciência fazem afirmações categóricas, baseados somente em uma de duas ou mais interpretações possíveis de certos fenómenos. E estas interpretações, naturalmente, estão impregnadas de convicções políticas, filosóficas ou religiosas, que teoricamente não deveriam influir — mas influem — na ciência. É que a objectividade absoluta dificilmente pode manifestar-se no ser humano.

Além das teorias científicas, há muitos princípios científicos que são aceitos como verdadeiros, mas não demonstrados como tais. São empregados em virtude de serem úteis. Permitem descrever mais ou menos bem uma realidade. São aceitos *como se fossem* verdadeiros, embora possam ser falsos.

Por outro lado, é necessário lembrar que as leis da ciência em geral — se não sempre — são *descritivas*, não *explicativas*. Descreve-se *como* algo ocorre, mas não se sabe exactamente *por que* ocorre. São descritas, por exemplo, as características de um ser vivo, porém, não se sabe que é a vida.

Não podemos, portanto, aceitar com segurança toda a afirmação da

ciência, pois pode estar baseada em teorias não comprovadas, ou pode ser verdade incompleta. O horizonte científico em rápida expansão sugere-nos mais uma vez que a verdade em sentido absoluto não está em poder da ciência. Por conseguinte, é reconfortante ouvir a Alberto Einstein, uma das figuras mais destacadas da ciência de nosso século. Diz ele: «As minhas leis são apenas mais aproximadas que as de Newton.»

A verdade em sentido permanente ainda espera ser encontrada pela ciência.

O Problema da Razão

Na mesma base de nossa posição cautelosa ante a filosofia e a ciência — além dos factos objectivos apresentados — está nossa concepção cristã da razão humana.

A razão é uma faculdade com que Deus dotou o homem. É útil e necessária. Devemos usá-la¹. É a faculdade mais complexa e perfeita que posuímos — do ponto de vista estritamente humano — para conhecer a verdade no tocante a nós mesmos e ao mundo exterior.

A razão, no entanto, tem as naturais limitações que lhe estabeleceu o Criador. Nicolau Hartmann escreveu correctamente que no âmbito do conhecimento devemos distinguir três planos:

- (1) *Objectivo*: o conhecido
- (2) *Transobjectivo inteligível*: o que podemos chegar a conhecer
- (3) *Transobjectivo ininteligível*: o que a razão jamais poderá conhecer.²

Por sua parte, escreve E. G. White: «É dever e privilégio de todos usar a razão até o ponto em que o permitam as faculdades finitas do homem; há, porém, um limite onde devem deter-se os recursos humanos. Há muitas coisas que jamais poderão ser deduzidas pelo intellecto mais vigoroso ou discernidas pela mente mais penetrante. A filosofia não pode determinar os caminhos e as obras de Deus; a mente humana não pode medir o infinito.

«EU O DESTRUIREI...»

R. BELZ

EIS um dos libelos mais tremendos da Escritura Sagrada. Digo tremendo pelo volume dos que serão destruídos, porque poucos escaparão *se não houver urgente mudança* de atitude em nosso meio.

«Eu o destruirei», diz o Senhor. Mas por quê? Eis o tremendo motivo: «*Aquele que difama o seu próximo às escondidas, eu o destruirei.*» Salmo 101:5.

Meus irmãos em Cristo, este mal está crescendo assustadoramente entre nós como um povo, e levará, se não houver mudança, muitos para a destruição eterna. O perigo não é tanto para o que foi difamado, mas nos é dito ser sobre o «que difama»... às escondidas». Mal terrível, e base de todas as desavenças entre irmãos, e na igreja; a origem da maioria das apostasias. O motivo para muitos não tomarem a Ceia do Senhor. Grilhões com os quais Satanás prende a grande maioria dos filhos de Deus. É a lenda que mantém acesa a chama figurativa do inferno. Vamos reconhecer, é o meu, é o teu mal, meu querido irmão. Livrar-nos disto é ser perfeito, pois diz S. Tiago: «Se alguém não tropeça em palavra, o tal varão é perfeito, e poderoso para também refrear todo o corpo.» S. Tiago 3:2.

Perguntarás! Então não posso expor o mal que vi em meu irmão? Claro que podes, mas de acordo com a instrução que Jesus nos deu: Em primeiro lugar só entre ti e teu irmão, depois com uma ou duas testemunhas e afinal, no último recurso, à igreja (S. Mat. 18-15-17). O que acontece é que invertemos a ordem e este é o mal. Nós em geral vamos à igreja, aos irmãos e afinal o irmãozinho fica sabendo por outros o que foi dito a respeito dele. Como nós não temos o direito de mudar o descanso do Sábado para outro dia, também não temos o direito de mudar a ordem de expor o pecado de um irmão. Somos muito correctos em defender o Sábado, esquecendo-nos de que quase sempre trocamos a ordem de aviso ao nosso irmão.

Vivemos nós hoje debaixo da condenação? Sou eu ainda varão imperfeito? Estou eu trocando a ordem dada por Jesus, com referência a meu irmão? Não é tempo, irmão, de tomar a sério esta questão e liquidar o mal pela raiz?

Estamos no fim, evangelizamos os outros enquanto nós estamos vivendo debaixo da condenação! Por que não tomar o propósito, hoje, de não mais criticar alguém às escondidas no círculo familiar, com outros colegas ou irmãos, perante a mocidade que está em formação e cujo carácter não deve ser envenenado com tais coisas?

Eu hoje vos convidado, irmãos, para juntamente comigo fazer o concerto de só falar das virtudes de alguém e se houver motivo de falar ir directamente a ele, conforme manda a Palavra de Deus, e tiraremos a condenação de sobre nós.

Tremenda condenação paira sobre o difamador «às escondidas». Diz a Escritura: «Eu o destruirei»...

«Jeová é a fonte de toda sabedoria, de toda verdade, de todo conhecimento. Há consecuições elevadas que o homem pode alcançar nesta vida mediante a sabedoria comunicada por Deus; mas há uma infinidade mais além que será objecto de estudo e de alegria dos santos através dos séculos eternos. O homem pode agora apenas estender-se até aos limites desta vasta expansão, e deixar voar a imaginação.

O homem finito não pode penetrar nas coisas profundas de Deus; pois as coisas espirituais são discernidas espiritualmente. A mente humana não pode entender a sabedoria e o poder de Deus.»³

- 1) E. G. White, *Testimonies*, Vol. 1, pág. 230.
- 2) *Fundamentos de una Metafísica del Conocimiento*.
- 3) *Review and Herald*, 29 de Dezembro de 1896; também em *The SDA Bible Commentary*, Vol. 6, pág. 1079.

(CONTINUA)

O PODER DA ESCOLHA

R. F. CORREIA

Que parte desempenha a vontade em nossa salvação?
Pode Satanás obrigar-nos a praticar o mal?

NA criação «Deus... fez o homem um agente moral livre.» — *Testimonies*, Vol. I, pág. 358. Todos os seres criados, tanto no Céu como na Terra, são agentes morais livres, assim como Cristo o era em Sua encarnação. O livre arbítrio provê duas liberdades fundamentais: liberdade de propósito e liberdade de acção.

A humanidade recebeu essas duas liberdades básicas como herança divina. «Porque Deus é quem efectua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade.» Filip. 2:13. Deste modo é proporcionada ao instrumento humano a aptidão e capacidade da autodeterminação. Não há lugar para a coerção da consciência do homem ou para a compulsão de sua conduta por algum poder externo, quer seja divino, demoníaco ou humano.

O indivíduo é racional por natureza, com uma mente para raciocinar, uma consciência para exercer controle e um coração para amar. Essas faculdades intelectuais e morais habilitam o homem para empregar as prerrogativas que lhe foram dadas por Deus, em desenvolver seu carácter, em decidir seu destino, em executar suas convicções, em ser responsável por sua conduta e em operar sua «própria salvação».

Apenas uma atenção irrestrita da parte do homem é bem recebida por Deus. De todas as Suas criaturas Deus quer serviço espontâneo e obediência voluntária. Não aceita a homenagem forçada. A submissão ao Altíssimo deve ser voluntária.

Controle divino não significa dominação pela Divindade. «O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus.» — *O Desejado de Todas as Nações* (3.^a ed.), pág. 14. A obediência ao Omnipotente não se baseia em su-

jeição servil ou escravidão cega. O amor e a lealdade não podem ser forçados. O Senhor não é arbitrário em Sua administração. Portanto, não há despotismo da parte de Deus, nem automatismo da parte do homem.

Na providência divina o livre arbítrio concorre para o desenvolvimento do carácter e a responsabilidade pessoal. Sendo assim, Adão foi submetido à prova para demonstrar sua integridade e firmeza. Essa medida preventiva era necessária antes que o homem pudesse «tornar-se eternamente seguro» (*The Story of Redemption*, pág. 19). O estado idêntico «apenas poderia ser conservado sob a condição de fidelidade para com a lei do Criador» (*Patriarcas e Profetas* (2.^a ed.), pág. 45). A árvore de prova constituía uma voluntária confirmação da lealdade do homem. «Se suportasse a prova divina e permanecesse leal e fiel através da primeira provação, ele não devia ser exposto a tentações sucessivas, mas seria elevado a uma posição idêntica à dos anjos, tornando-se daí em diante imortal.» — *The Story of Redemption*, pág. 6.

A amplitude do livre arbítrio oferece opções negativas e positivas. O homem pode praticar o bem ou o mal. É essencial para a responsabilidade moral que as más acções sejam tão livres como as boas acções. Deus deu ao homem o direito de dizer «quero» ou «não quero», «faço» ou «não faço». Compete aos indivíduos escolher subir às alturas do Céu ou descer às profundidades da degradação.

O instrumento humano tem «ampla liberdade de prestar obediência ou recusá-la» (*Patriarcas e Profetas* (2.^a ed.), pág. 32.) Tem a liberdade de escolher o bem ou o mal, o certo ou o errado. Pode optar entre a verdade e o erro, en-

tre a vida e a morte. Pode escolher a quem servir e o que deseja tornar-se.

Do lado positivo, o indivíduo tem a oportunidade de reconhecer a soberania de Deus, apreciar Seu carácter, admirar Seus atributos e compreender-Lhe as exigências.

Da mesma maneira, o agente moral livre possui possibilidades negativas. O homem não está isento de expor-se à tentação. Não tem sido escudado contra o pecado. Não é imune à iniquidade. «Nossos primeiros pais não foram colocados fora da possibilidade de fazer o mal.» — *Educação*, pág. 23. Os olhos do homem não têm sido restringidos de contemplar o pecado. Sua mão não tem sido afastada do fruto proibido. Seus pés não têm sido impedidos de andar na maldade. Caso o deseje, o homem pode rebelar-se contra a autoridade de Deus, conduzir-se de maneira contrária à Sua vontade, transgredir Sua lei e extinguir Seu Espírito.

Sob o princípio do livre arbítrio, a vontade é livre. A obediência é possível. Quando alguém se inclina a praticar o mal, Deus Se ofende, mas não interfere. Ele o permite, mas não o aprova. Consente que o homem siga a senda do mal e não o impede disso. Por sua própria determinação pernicioso, o homem rejeita o auxílio do Céu. Deus deseja orientá-lo, mas ele não quer ser guiado. O Senhor não pode dirigir aqueles que não se deixam dirigir. «Deus não pode salvar o homem contra a sua vontade.» — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 32. As consequências de uma tal conduta obstinada não são evitadas pela Providência. O homem colherá os resultados da impiedade. «Visto que rejeitasse a Palavra do Senhor, Ele também te rejeitou a ti», disse o profeta Samuel a Saúl (I Sam. 15:23).

(Continua na pág. 14)

Homens da «Segunda Milha» ao serviço dos Colportores

«E se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas» (Mat. 5.41)

No tempo em que Jesus exerceu o seu ministério na terra, a Palestina estava sob a jurisdição do Império Romano, que abrangia todo o circuito do Mediterrâneo, da Península Ibérica à Ásia Menor, da África do Norte ao Danúbio e ao Reno, incluindo a Bretanha.

O cidadão romano, entre outros privilégios, podia, nas suas viagens, obrigar um habitante do país conquistado (neste caso um israelita) a acompanhá-lo durante uma milha (1 500 m) para lhe fazer companhia e transportar a sua bagagem. Esta prática, em todos os lugares e em todas as épocas, seria indesejável e detestada mesmo, pelo que tem de deprimente e vexatório. Para os judeus, porém, além desta repulsa natural, havia uma razão mais forte para não se conformarem. Não eram eles os eleitos de Deus, o povo escolhido por Deus entre tantos outros povos? Não, esta situação não pode prolongar-se por muito mais tempo, segredavam, num tom de revolta, uns aos outros. Era homens como estes que Jesus tinha diante de si ao pronunciar o Seu Sermão da Montanha.

Jesus conhecia os seus problemas, mas também conhecia as suas possibilidades e, preferindo desenvolver o seu tema sobre estas, vai revelar-lhes o grande segredo para explorar essas possibilidades imensas e vencer a opressão e as dificuldades: «Se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, VAI COM ELE DUAS»; isto é, não faças penosamente o que te pedem, de má vontade, procurando escapar ao dever, mas enfrenta a situação com coragem, com optimismo e com a Minha ajuda, insinua Jesus, tudo vencerás e irás mesmo além do que te pedem.

Foi esta a nossa experiência ao longo do ano que passou, no trabalho da colportagem evangélica. O alvo proposto para o ano de 1965

(700 contos e almas a ganhar para a Verdade!), ao olharmos para a nossa experiência do passado e para as nossas possibilidades humanas, era qual milha exigente, importuna e quase revoltante. Foi, no entanto, encorajador constatar como bastante cedo todos os irmãos colportores, não somente se dedicaram ao trabalho com um novo zelo e com uma tal confiança em Deus, de forma a causar um aumento constante nas nossas vendas, como também desencadearam uma propaganda positiva do seu trabalho, nas igrejas por onde passavam, que levou muitos dos nossos irmãos e irmãs a consagrarem-se à obra da colportagem com alegria. Transcrevo, duma carta, o testemunho duma irmã que começou a colportar em Setembro de 1965: «Estou grata ao Senhor pela oportunidade que me deu de seguir a colportagem. Trabalho com grande fé no Senhor Jesus e estou segura que Ele ajuda todos que n'Ele confiam implicitamente». Acreditamos que esta e outras experiências idênticas são o cumprimento das promessas feitas por Deus na Sua Palavra e através do E. de Profecia: «Os que neste tempo se dedicam com fervor e consagração à obra da colportagem, serão grandemente abençoados.» (Colp. Ev. pág. 15). Sem pensar demasiado no que nos era imposto, mas trabalhando com a nossa confiança em Deus, pouco depois do meio do ano verificamos que o alvo anual de vendas estava alcançado e a partir daquele momento começamos a experimentar o prazer que há em percorrer a «segunda milha». Foi necessário, com urgência, mandar fazer uma 2.^a edição do livro que estávamos a vender, e antes do fim do ano tivemos que preparar a 3.^a edição. Somos levados a exclamar... «Porque me fez grandes coisas o Poderoso» (Luc. 1:49).

No entanto a venda de livros é apenas um meio para atingirmos o grande objectivo da salvação de almas, pois nem todo o mundo homens e mulheres olham atentamente para o céu. De almas anelantes de luz, de graça, do Espírito Santo, sobem orações, lágrimas e indagações. Muitos estão no limiar do reino esperando somente serem recolhidos» (A. Apost. pág. 109). «Há mais pessoas do que pensamos ansiando por encontrar o caminho para Cristo» (Obr. Ev. pág. 158). O colportor encontra essas pessoas e tem o privilégio de guiá-las a Cristo. Assim aconteceu com o irmão Curado, ao fazer o seu trabalho de colportor no distrito de Santarém. Encontrou um grupo de crentes sinceros, mas que só conheciam a chamada «Igreja Reformista», e alguns deles há já dezasseis anos! Durante seis meses este irmão com sua esposa trabalhou junto destes crentes e enfrentou a oposição dos pastores reformistas. Em bom momento o irmão Curado teve a calabroação do pastor da Igreja da Conferência, irmão Fernando Mendes, que tomou a seu cargo os esclarecimentos finais, que aquelas almas tanto ansiavam. Houve alegria no céu e nos nossos corações no dia 18 de Dezembro, quando nove almas daquele grupo baixaram às águas baptismas, testemunhando assim publicamente a sua entrada para a Igreja Adventista — A Igreja de Laodiceia. Naquele local de S. João da Ribeira foi organizada uma Escola Sabatina e um grupo, onde o pastor da Igreja da Conferência, todos os sábados prega a Palavra de Deus àqueles novos crentes e às pessoas interessadas, algumas das quais pensam baptizarem-se ainda no primeiro trimestre deste ano.

Mais almas como estas foram encontradas por outros colportores e estão neste momento em contacto

(Continua na pág. 14)

É na semana que decorre de 15 a 22 do corrente mês de Janeiro que se efectua a Campanha de Liberdade Religiosa.

Nunca, como nestes nossos tempos se falou e se apregoou, tanto a liberdade.

É, decerto, o maior dom de ordem meramente natural, que Deus concedeu ao homem.

De tal modo Deus considera a liberdade que a respeita, absolutamente, não intervindo para a forçar.

Uma das mais interessantes declarações do Segundo Concílio do Vaticano diz respeito, precisamente, à *Liberdade Religiosa*. Mesmo assim, a votação não foi unânime. De resto, não há que admirar, porquanto, de acordo com o *Time* de 17 de Dezembro de 65, pág. 21, citando o parecer de um teólogo jesuíta diz: «em certas dioceses, poucas reformas se efectuarão até à morte dos seus actuais bispos».

Com o aplauso de todo o mundo civilizado os Padres Conciliares aprovaram a declaração referente à Liberdade Religiosa que diz que todos os homens têm o dever de abraçar o Catolicismo desde que reconheçam a verdade das suas afirmações, acrescentando, porém, que a Igreja sempre professou a liberdade de consciência, — pondo de parte, é claro, o passado.

«O princípio pelo qual os discípulos se mantiveram tão destemidamente, quando, em resposta à ordem de não falarem mais no nome de Jesus, declararam: «Julgai, vós, se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus», (Actos 4:19), é o mesmo que os adeptos do Evangelho se esforçaram por manter nos dias da Reforma. Quando, em 1529, os príncipes alemães se reuniram na Dieta de Spira, estava diante deles o decreto imperial, restringindo a liberdade religiosa, e

A LIBERDADE RELIGIOSA

A. CASACA

proibindo toda a posterior disseminação das doutrinas reformadas. Dir-se-ia que a esperança do mundo estava prestes a ser esmagada. Aceitariam os príncipes o decreto? Haveria de ser vedada às multidões ainda em trevas, a luz do Evangelho? Achavam-se em jogo decisões importantes para o mundo. Os que haviam aceite a fé reformada, reuniram-se sendo sua unânime decisão: «Rejeitamos este decreto. Em questões de consciência, a maioria não influi.» — D'Aubigné: *História da Reforma*, vol. 13, cap. 15.

É este mesmo princípio que temos de manter nos nossos dias.

Demos graças a Deus pelo facto de ser admitido por todos os países civilizados o princípio da liberdade religiosa, que deriva imediatamente da liberdade de consciência.

O mundo cristão recebeu, ultimamente, com a maior alegria a notícia de que o Segundo Concílio do Vaticano aprovara a Declaração da *Liberdade Religiosa*.

«Cumpre-nos reconhecer — diz-nos o Espírito de Profecia — o go-

verno humano como uma instituição designada por Deus, e ensinar obediência ao mesmo governo, como um dever sagrado, dentro da sua legítima esfera. Mas, quando as suas exigências se chocam com as de Deus, devemos obedecer a Deus de preferência aos homens. A palavra de Deus precisa de ser reconhecida como estando acima de toda a legislação humana. Um «Assim diz o Senhor» não deve ser posto de lado por um «Assim diz a Igreja», ou um «Assim diz o Estado».

Graças a Deus pelo dom da liberdade que nos concedeu.

Graças a Deus que milhares de eclesiásticos de grande responsabilidade mundial aprovaram o Princípio da Liberdade Religiosa.

Graças a Deus que nos concede um Governo que respeita esta mesma verdade.

Que Deus continui a conceder-nos a graça de podermos anunciar a Mensagem do Advento, de modo que possamos abreviar a Vinda do Salvador.

com os pastores das igrejas locais, como é o caso em Setúbal, em Leiria e nos Açores.

Todo este belo trabalho foi possível realizar durante o ano de 1965, porque Deus abençoou a dedicação e o esforço dos nossos valerosos colportores e respondeu às vossas e às nossas orações, que agradecemos. Não podemos descansar com os resultados obtidos, pois a tarefa que Deus nos confiou ainda não está terminada, mas queremos prosseguir nesta obra e para isso contamos com a colaboração de muitos mais irmãos e irmãs, que ouvirão, sem dúvida, a advertência da serva do Senhor: «Estamos-nos aproximando do fim da história terrestre. Temos perante nós uma grande obra — a finalizadora obra de dar a derradeira mensagem de advertência a um mundo pecaminoso. Homens serão tirados do arado, da vinha, de vários outros ramos de trabalho, e enviados pelo Senhor a dar ao mundo esta mensagem» (Serv. Cristão, pág. 78).

Temos grandes e belas perspectivas diante de nós. O nosso alvo para este ano é de 1.000 contos de vendas e 10 almas a ganhar para a Verdade! Além dos livros que já possuíamos este ano, temos outros de grande valor e de prestígio mesmo para a nossa Causa e para o nosso Trabalho. Conforme a pessoa com quem queremos contactar, podemos abordá-la directamente com um belo livro de Mensagem, ou se não nos é acessível dessa maneira, poderemos fazê-lo com um bom tratado de Educação, com um livro de Saúde, ou ainda com um livro de cozinha, já que o estômago está tão perto do coração ...

Agradecemos a Deus por todo este belo material de que dispomos, pelos bons colaboradores que nos deu, assim como pelas vossas orações e por todos os irmãos e irmãs que ao longo deste ano tomarão também a decisão de se consagrarem a este trabalho que irá até à finalização da Obra de Deus nesta terra.

J. Dias

Conselho Nacional das Igrejas

De tempos a tempos, os irmãos e irmãs do campo escrevem-nos para nos perguntar qual é a posição da Conferência Geral em relação ao Conselho Nacional das Igrejas e organizações subsidiárias. Acontece que essas cartas põem em dúvida a razão de ser de qualquer participação ou cooperação adventista.

Fundamentalmente, as nossas relações com essas organizações não variam desde 1948-1950, data em que a Conferência Geral decidiu não se unir ao Conselho Mundial das Igrejas ou ao Conselho Nacional das Igrejas dos Estados Unidos, mas reconhecer a necessidade de manter estreitas relações com esses organismos.

Não somos membros nem de um nem de outro. A nossa cooperação limitou-se sempre — e continua a limitar-se — a certas esferas de actividade onde pensamos poder ser úteis, respirar ao mesmo tempo algumas informações susceptíveis de nos ajudarem e estabelecer contactos apropriados em vista de facilitar a nossa obra na metrópole e nos países de além-mar.

Isto não implica nenhuma responsabilidade da nossa parte e não nos obriga de modo algum. Esta atitude é perfeitamente compreendida pelo Conselho Mundial ou pelo Conselho Nacional, do mesmo modo que o é pela nossa Igreja.

O Conselho da Conferência Geral reconheceu também a necessidade de uma certa medida de colaboração no mundo de hoje. A complexidade dos problemas e restrições fora dos Estados Unidos torna evidente esta necessidade. Os Adventistas do Sétimo Dia esforçam-se por ser colaboradores conscienciosos onde quer que isso seja possível sem provocar conflitos relativos à sua fé sem alterar a sua posição como última Igreja de Deus

aqui na terra. Temos notado frequentemente que, no estrangeiro a nossa colaboração com outros corpos religiosos, numa base limitada, é útil e pode justificar-se.

Com efeito, em determinadas circunstâncias, temo-nos prontificado a manifestar este espírito de cooperação para com situações que deveriam ter sido enfrentadas por denominações não-evangélicas e organizações não-eclésiásticas. Somos uma Igreja mundial; e se bem que as nossas actividades se exerçam na mais completa independência, o espírito de Cristo contrange-nos a colaborar com os homens de boa vontade em projectos que servem os interesses da Causa de Deus.

Considerando o que precede, e também os serviços e as informações de valor de que a Conferência Geral beneficiou graças a estes restritos contactos com o Conselho Nacional das Igrejas e certas organizações subsidiárias.

Conviniu-se 1) que nós continuaremos a assegurar a nossa cooperação e a nossa participação àquilo que se realiza em certas esferas de actividade e que entregaremos uma determinada importância sob a forma de indemnização parcial pelos livros, revistas, exposições e relatórios que nos são enviados a título de informação, bem como pelos serviços que nos prestam nos domínios da beneficência, da liberdade religiosa, das emissões radiofónicas, etc.

2) Que quando os campos nos fizerem perguntas da razão de ser de qualquer participação ou cooperação dos Adventistas do Sétimo Dia nas actividades acima mencionadas, responderemos após acordo prévio com os dirigentes da Conferência Geral.

Os Dirigentes da Conferência Geral
23 de Agosto de 1965



O Director da EBP e Telemensagem Pastor Mendes gravando as Mensagens para o telefone

VAI fazer cinco meses que, por determinação superior viemos da Missão da Madeira para a Metrópole, a fim de trabalharmos na Escola Bíblica-Postal e no Serviço de Telemensagem.

Merece a pena recordar, nas páginas da nossa REVISTA o que são estas duas actividades missionárias, que se destinam, de resto, com todo o demais esforço missionário a difundir, às mãos cheias, a Mensagem do Advento e contribuir, assim, para abreviar a Volta do Salvador.

O Pastor Mendes circundado do precioso grupo de ex-reformistas que receberam o baptismo



O Serviço da Telemensagem

Assim se denomina o serviço da Mensagem pelo Telefone que funciona na sede da União, e igreja-mãe.

Foi em 1961 que o Obreiro local do Porto inaugurou, na igreja da «capital do Norte» um serviço telefónico para difundir a Mensagem. Servindo-se da lista telefónica, seleccionou certos nomes para lhes transmitir a primeira mensagem. Não conseguiu, porém, efectivar o seu plano, porque, no entanto, foi transferido para Lisboa.

«Um é o que e outro o

FERNANDO G. MENDES

Estava, pois, reservada à igreja de Lisboa a grande oportunidade de pôr em prática esta tão bela iniciativa de fazer penetrar a Mensagem, em numerosos lares, através do telefone.

A princípio partiu a Mensagem da nossa parte — uma mensagem de consolação e da nossa «bem-aventurada esperança». A irmã, que se ocupava deste trabalho, discava o número telefónico — previamente escolhido — e, depois de poucas palavras de saudação, pedia que o interlocutor prestasse atenção. Logo no primeiro dia se verificou a eficiência desta nova modalidade de espalhar a Mensagem.

Os ouvintes reagiam de maneiras muito diferentes, por via da regra, com muito apreço pela Mensagem que assim, espontaneamente, lhes chegava aos ouvidos, descendo, também, ao coração.

Assim se passaram alguns dias, até que se pensou que talvez fosse mais interessante e, porventura, mais proveitoso o sistema contrário: que os ouvintes fizessem a ligação para nós, pedindo eles a Mensagem.

Distribuíram-se, para isso, muitos milhares de folhetos, contendo os números telefónicos, pelos quais se poderia ouvir uma bela mensagem de consolação, de conforto, de paz, de esperança.

Os resultados, logo no primeiro dia, excederam as melhores expectativas. Começou o programa com o horário das 21 às 23 horas; passado pouco tempo, teve de ser alterado: das 9 até às 24 horas, sem interrupção.

Temos recebido testemunhos impressionantes, tanto pelo telefone, logo após a emissão da Mensagem, como até por escrito, manifestando a gratidão do ouvinte signatário.

Foi necessário ampliar o trabalho, pondo-se dois aparelhos trans-

ue semeia o que ceifa»

missores a funcionar, estando, quase sempre, a transmitir, simultaneamente.

Registam-se todas as ligações feitas, assim como os nomes e moradas das pessoas que manifestam o desejo de possuir literatura, quaisquer contactos missionários ou ulteriores esclarecimentos.

Pela graça de Deus, neste passado ano, que ora findou, receberam-se mais de 40 000 chamadas.

É nosso dever servir-mo-nos de todos os meios legítimos ao nosso alcance para procurarmos levar a Mensagem e, o mais rapidamente, possível, a toda a parte, para cumprirmos o Mandato Divino.

A Escola Bíblica-Postal

Já há vários anos que está funcionando, igualmente, na sede da União, a Escola Rádio-Postal destinada a levar a toda a parte, onde houver boa vontade, a Mensagem do Advento, mediante um Curso Bíblico que é ministrado grátis.

Mediante anúncios publicados nos jornais, e ainda mediante distribuições sistemáticas de folhetos elucidativos e de inscrição, geralmente efectuadas pelos briosos jovens MV, tem sido possível recolher muitos milhares de alunos.

O Curso é constituído por 30 Lições, com tantas outras Provas Escritas que são preenchidas pelos Alunos e que estes enviam para a Escola; daqui são depois reenviadas aos mesmos Alunos. Nestas Provas Escritas costumam muitos alunos formular perguntas, expor dúvidas, pedir esclarecimentos; todos são devida e prontamente atendidos, havendo, sempre, da parte da Escola uma palavra de ânimo, de felicitações abrindo margem a um possível diálogo, que é preparado por uma visita da parte da Escola aos Alunos, que a desejam. Não podemos



A Secretária da Escola Bíblica Postal, D. Lucelinda Godinho, respondendo aos Alunos

deixar de aqui deixarmos os nossos agradecimentos à colaboração dedicada e eficiente da nossa prezada Irmã Lucelinda Godinho, Secretária da Escola Bíblica-Postal.

Estamos envidando os nossos melhores esforços para conseguirmos maior e mais eficiente colaboração entre os nossos dilectos Irmãos Obreiros e a Escola, porquanto a Escola Bíblica - Postal destina-se, precisamente, a abrir-lhes caminho até junto de muitas almas que chegam ao conhecimento da Verdade, mediante o Curso.

A igreja da Conferência Bíblica

Além do Serviço da Telemensagem e da Escola Bíblica-Postal que acabámos de mencionar, está, ainda, a nosso cargo, a «Igreja da Conferência», constituída pelos grupos de Peniche, Cadaval, Pero Negro, Maiorca de Alcobaça e Rio Maior. Entre Rio Maior e Santarém temos, em S. João da Ribeira, um bom e fervoroso grupo de crentes reformistas, a quem o Senhor está chamando para a sua «maravilhosa luz.»

(Continua na pág. seguinte)

Grupo de reformistas doutrinados pelo Pastor Mendes



Afastar-se de Deus resulta da própria decisão do indivíduo. «É a acção de Satanás tentar-vos; é vossa a de ceder-lhe.» — *Mensagens aos Jovens*, pág. 430. O objectivo do Céu é ajudar a humanidade, ao passo que o de Satanás é estorvá-la. O Salvador apresenta a vida e o bem, enquanto o inimigo apresenta a morte e o mal. Ao agente humano cabe escolher entre Cristo e Satanás. A mensagem de Deus é: «Escolhei hoje a quem sirvais» (Josué 25:15). Não há posição neutra. «Ninguém pode servir a dois senhores» (S. Mat. 6:24). Aquele que recusa entregar-se a Deus, por esse meio se coloca do lado de Satanás. Cristo declarou: «Quem não é por Mim, é contra mim» (S. Luc. 11:23).

A esposa não pode ser forçada a cair contra a sua vontade. O diabo pode afligir, mas não macular. Pode confundir, mas não compelir. Pode

(Continuação da pág. anterior)

No passado dia 18 de Dezembro último tivemos a grande alegria de baptizar 9 preciosas almas daquele esperançoso grupo, de ex-reformistas, de que perto de duas dezenas está frequentando uma classe bíblica. Os primeiros contactos foram estabelecidos pelo nosso prezado Irmão, Colportor Curado. Nestes últimos cinco meses, após a nossa vinda para o Continente, foi-nos confiado aquele trabalho, de cuja sementeira já o Senhor nos concedeu que fizéssemos a primeira ceifa.

Que o Senhor abençoe estes trabalhos cujo objectivo e razão de existir consistem em chamar muitas almas à Verdade do Advento e apressar a Volta gloriosa do Salvador.

Prezados Irmãos e Irmãs! Lembrem-se destas actividades missionárias bem adaptadas a estes nossos dias: Os Serviços da Telemensagem e a Escola Bíblica-Postal. Divulguem os números dos nossos telefones — peçam os folhetos; e entreguem boletins de inscrição entre pessoas que ainda não checaram a Mensagem do Advento.

E, sobretudo, lembrem-se destas actividades missionárias nas vossas orações.

oprimir, mas não obrigar. A menos que se submetam à supremacia satânica, os seres humanos não podem ser compelidos a transgredir. «Sem o consentimento próprio, ninguém poderá ser vencido por Satanás.» — *O Conflito dos Séculos* (nova ed., revista), pág. 552. O tentador não tem poder para forçar a vontade ou constranger a alma e pecar. «Não pode dominar as mentes, a menos que se submetam a seu controle. A vontade tem que consentir, a fé largar sua segurança em Cristo, antes que Satanás possa exercer domínio sobre nós.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 88.

A providência supriria a poderosa protecção de todas as hostes angélicas reunidas, de preferência a consentir que uma alma tentada viesse a ser subjugada forçosamente por Satanás e tragada pelo mal. «Deus enviaria todos os anjos do Céu em auxílio de uma alma tal, de preferência a permitir que fosse vencida.» — *Mensagens aos Jovens*, pág. 94.

Mas se uma pessoa voluntariamente se põe no caminho da transgressão, Deus não a reprime. Os exércitos do Céu tampouco a privam do direito de escolher o mal. Semelhantemente, se alguém resolve romper os grilhões da escravidão do pecado, todas as hostes satânicas não podem afastá-lo de sua decisão. «Não se acha no poder de todas as hostes satânicas o forçar o tentado a transgredir.» — *Mensagens aos Jovens*, pág. 430. «Não está no poder da Terra nem do inferno compelir alguém a fazer o mal.» — *Patriarcas e Profetas* (2.^a ed.), pág. 442.

A verdadeira força e função da vontade precisam ser compreendidas. A vontade é o poder dominante na natureza do homem. É a fonte de todas as nossas acções. «Podemos escolher servi-PO, podemos entregar-Lhe nossa vontade.» — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 151.

Na determinação do destino do homem, o poder da escolha actua como delicada alavanca, impelindo o homem em direcção à senda da ruína ou ao caminho da redenção. O poder da escolha é uma vara del-

gada que faz a alma oscilar para o lado de Satanás ou para o lado do Salvador. Deus diz aos homens: «Submetei-vos a Mim, entregai-Me essas vontades. Tirai-a de sob o domínio de Satanás e Eu tomarei posse dela.»

Se o ser humano deseja salvar-se, ele precisa escolher a salvação. «Deus tomou todas as providências para pôr a salvação ao nosso alcance, mas Ele não a imporá à força sobre nós, contra a nossa vontade.» — *Testimonies*, Vol. 5, pág. 543. «Deus não pode salvar o homem contra a sua vontade.» — *Idem*, Vol. 4, pág. 32. Compete ao homem escolher a salvação que foi adquirida a um preço tão elevado e é oferecida tão liberalmente.

Cristo não obriga o homem a recebê-lo ou obedecer-Lhe. Deus não controla a mente do homem sem que ele dê seu próprio consentimento. Não há compulsão na salvação de uma alma. A exclusão de qualquer força exterior deixa o agente humano livre para fazer sua própria escolha. Na entrega da alma ao Salvador é manifestada a mais ampla liberdade. «Nossa vontade não deve ser forçada a cooperar com os agentes celestes, mas voluntariamente sujeitada.» — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 120.

Ninguém pode dizer realmente: «Não posso ser salvo.» A salvação depende inicialmente de nossa própria decisão. «Se não quiserdes, não podereis.» — *Sons and Daughters of God*, pág. 115. Ser vitorioso é determinado pelo consentimento. Se quiserdes, podereis ser salvos.

O Céu e o inferno estão diante de nós. Tanto Cristo como Satanás instam connosco para que os sigamos — no caminho da justiça ou no caminho da injustiça; com suas recompensas respectivas — o galardão da justiça, a vida eterna; ou o salário do pecado, a morte eterna. Visto que somos agentes morais responsáveis, com liberdade de escolha, usemos sábiamente este dom, escolhendo a vereda que conduz ao Paraíso. «Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito, para que todo o que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» S. João 3:16.